



Web Revista SOCIODIALETO

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso

The hydrography of Nobres: interfaces between lexicon and environment in the toponymy of Mato Grosso

Soeli Bento Clementi

Doutoranda em Estudos de Linguagens pela UFMS – E-mail: soeli_bentoclementi@yahoo.com.br

Aparecida Negri Isquerdo

Pesquisadora Sênior na UFMS. Bolsista de Produtividade de Pesquisa – CNPq – E-mail: aparecida.isquerdo@ufms.br

Resumo

A atividade de nomear, específica da espécie humana, configura-se como uma necessidade de delimitar, referenciar e apreender uma realidade extralinguística. O topônimo, nome de lugar, por sua vez, reflete traços do ambiente físico e sócio-histórico-cultural de determinado espaço geográfico. O signo toponímico, portanto, pode ser analisado a partir de fatores linguísticos como a etimologia, a estrutura formal e taxionomia. Na perspectiva dos fatores extralinguísticos podem ser considerados traços do ambiente físico como fauna, da flora, do relevo e social como influências étnicas, mitológicas, históricas, culturais. O topônimo tem, pois, como função denominar lugares como cidades, bairros, praças, ruas, alamedas, dentre outros, e rios, córregos, cachoeiras, cabeceiras, cordilheiras, montanhas, etc. Nesse contexto, a Toponímia, subárea da Onomástica, tem como objeto de estudo os nomes de lugares. Este trabalho discute resultados de estudo dos 135 topônimos que nomeiam córregos, rios, ribeirões, lagos, lagoas, cachoeiras e cabeceiras do município de Nobres em Mato Grosso quanto à taxionomia, estrutura morfológica e língua de origem (DICK, 1992) e busca evidenciar interfaces entre léxico e ambiente físico e sócio-histórico-cultural na denominação de acidentes hidrográficos da região. O estudo evidenciou que, entre os 135 topônimos examinados, há um índice significativo de nomes que se reportam a aspectos da cultura indígena (*Quebó, Guanadi, Borá*); à ideia de pertencimento (... *do Sérgio, do Tomás*); à homenagem ao colonizador (*Nobres*), a elementos da cultura material (*Planchão, Chapéu, Pilão*). Quanto à base linguística, os 135 topônimos estão assim distribuídos: 31 (23,13%) são de origem

Abstract

The activity of naming, specific to the human species, is configured as a need to delimit, reference and apprehend an extralinguistic reality. The toponym, name of place, in turn, reflects traces of the physical and socio-historical-cultural environment of a given geographic space. The toponymic sign, therefore, can be analyzed from linguistic factors such as etymology, formal structure and taxonomy. From the perspective of extralinguistic factors, traits of the physical environment such as fauna, flora, topography and social factors such as ethnic, mythological, historical and cultural influences can be considered. The toponym has, therefore, the function of naming places such as cities, neighborhoods, squares, streets, boulevards, among others, and rivers, streams, waterfalls, headwaters, mountain ranges, mountains, etc. In this context, Toponymy, a sub-area of Onomastics, has place names as its object of study. This paper discusses the results of a study of the 135 toponyms that name streams, rivers, streams, lakes, ponds, waterfalls and headwaters in the municipality of Nobres in Mato Grosso in terms of taxonomy, morphological structure and language of origin (DICK, 1992) and seeks to highlight interfaces between lexicon and physical and socio-historical-cultural environment in the denomination of hydrographic accidents in the region. The study showed that, among the 135 toponyms examined, there is a significant number of names that refer to aspects of indigenous culture (*Quebó, Guanadi, Borá*); the idea of belonging (... *of Sérgio, of Tomás*); to homage to the colonizer (*Nobres*), to elements of material culture (*Planchão, Chapéu, Pestle*). As for the linguistic base, the 135 toponyms are



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

indígena e quatro (2,96%) são nomes híbridos com um formante de base indígena. Os outros 99 (73,88%) topônimos são oriundos da língua vernácula. Os topônimos de origem indígena relacionam-se essencialmente à fauna, à flora e à hidrografia. Registre-se, por fim, que os zootopônimos e os ergotopônimos representam as taxas com maior índice de ocorrências no *corpus* analisado.

Palavras-chave: Léxico. Toponímia. Nobres. Mato Grosso.

distributed as follows: 31 (23.13%) are of indigenous origin and four (2.96%) are hybrid names with an indigenous base formant. The other 99 (73.88%) toponyms come from the vernacular language. Toponyms of indigenous origin are essentially related to fauna, flora and hydrography. Finally, note that zootoponyms and ergotoponyms represent the taxes with the highest occurrence rate in the corpus analyzed.

Keywords: Lexicon. Toponymy. Nobres. Mato Grosso.

Recebido em: 03/01/2023 | Aceito em: 26/08/2023.

Introdução

Pelo nome, conhecemos e reconhecemos os lugares, no âmbito de um espaço geográfico maior, apreendendo-o por meio da linguagem, sem que, necessariamente, haja aproximação física com a região nomeada. Pelo nome a realidade pode ser localizada e referenciada, uma vez que o topônimo é, antes de tudo, um signo de língua e, nessa conjuntura, participa dos processos de conceptualização de conceitos e formação de palavras dentro das regras da língua.

Ao tratar da dinâmica da geração e categorização lexical, Biderman (1998) pondera que o critério pode ser “o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê” (BIDERMAN, 1998, p. 89). O mesmo ocorre com a nomeação de lugares que pode descortinar aspectos do mundo real por meio do topônimo, ou seja, pelos traços semânticos subjacentes ao signo toponímico.

Andrade (2017, p. 604), por sua vez, argumenta que, no ato de nomeação, o denominador aproveita-se de “elementos descritivos de caráter objetivo (características geomorfológicas, fauna, flora etc.) ou subjetivo (emoções, cores, cheiro etc.)”. Desta forma, o topônimo, objeto de estudo deste trabalho, consubstancia traços distintivos e específicos de um referente, dentre vários outros, que foram apreendidos por um denominador e aceito e referendado pelo grupo de falantes.



Web-Revista SOCIODIALETO

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

A atividade de nomear, exclusiva da espécie humana, evidencia dois aspectos fundamentais da língua: a tradição e a mudança que delimitam as ações do falante/usuário de um sistema linguístico. Ao nomear um referente da realidade do mundo físico como um rio, uma serra, uma localidade, o denominador busca uma unidade lexical do seu repertório vocabular e, limitando-se à liberdade da tradição, atribui-lhe outra função, provocando a mudança de categoria dessa unidade, no caso, de nome comum para nome próprio.

Conforme Sapir (1969, p. 26), “a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida”. Nesse sentido, está sujeita às características das diferentes culturas e às mudanças inerentes ao que está em voga em um tempo e espaço que, por sua vez, se operam no nível léxico-semântico.

O léxico “pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e todos os referentes do mundo físico e do universo cultural” (BIDERMAN, 1981, p. 138), razão pela qual se configura como uma organização única das experiências humanas, categorizadas em conceitos associados aos signos linguísticos, sendo, portanto, o menos linguístico de todos os níveis da língua.

O léxico pode ser analisado segundo os princípios teóricos da Lexicologia, cujo objeto de estudo é a unidade lexical, a categorização e a estruturação do léxico; da Lexicografia que se ocupa do tratamento do acervo vocabular da língua com o objetivo de elaboração de dicionários e, da Terminologia que estuda as unidades lexicais específicas das áreas de especialidades, os termos.

Associada a essas disciplinas, situa-se a Onomástica que tem como objeto de estudo os nomes próprios em geral, desdobrando-se em ramos diversos, sendo as mais produtivas a Antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que se ocupa dos nomes próprios de lugar (cidades, vilas, ruas, alamedas, praças, rios, córregos, cachoeiras, cabeceiras, cordilheiras, montanhas...).



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

2. Fundamentação teórica: relações entre língua e ambiente

Nas teorias sobre o léxico, alguns autores têm demonstrado a interdependência entre língua, ambiente e cultura, dentre eles Sapir (1969, p. 45) para quem “o léxico de uma língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. O autor assevera ainda que “explicar todo traço de cultura como proveniente apenas da ação do ambiente físico [...] parece assentar-se numa ilusão” e considera que “uma influência ambiental, mesmo de caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais” (SAPIR, 1969, p. 43; 44). Ilustram o exposto, no *corpus* deste estudo, topônimos como *Taquaral*, *Coqueiral*, *Guanandi*, *Sucuri*, *Traíra*, *Piraputanga* que nomeiam córregos, rios, ribeirões, cabeceiras e cachoeiras. No caso, essas espécies vegetais e animais, além de existirem na região, devem ter um valor significativo para os habitantes de Nobres/MT, ao ponto de seus nomes terem sido elevados à categoria de topônimos.

Conforme já assinalado, no sistema lexical de uma língua, as palavras traduzem aspectos da realidade de uma comunidade em diferentes momentos históricos, cuja condição de permanência é atender as necessidades do grupo que as originou. Considerando que os ambientes físicos e sociais apresentam características próprias, as comunidades linguísticas recortam a realidade de maneira também distintas, o que se reflete no léxico. A esse respeito, Isquerdo (2012, p. 115) esclarece que “como são diversas as sociedades e as culturas, o vocabulário veiculado pelos povos no decurso da história também possui diferentes facetas que o singularizam conforme o momento histórico da língua, a realidade geográfica, o perfil dos falantes”. O topônimo, por extensão, evidencia de forma particular a relação entre léxico e ambiente, pois, enquanto signo de língua, materializa e solidifica traços ambientais mais proeminentes no ato da nomeação. Conforme Trapero (1995, p. 47),

[...] un topónimo es una forma léxica que tiene una función semántica localizadora: identificar un punto concreto del terreno. La precisión de la



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

denominación de los accidentes geográficos depende de las dos magnitudes que entran en juego: por una parte, la geografía y por otra la lengua.¹

Em virtude da variedade e da complexidade de informações relacionadas a aspectos linguísticos e extralinguísticos consubstanciados no topônimo, os estudos em Toponímia, ramo da Linguística, possuem relações estritas com a Geografia, História, Antropologia, Lexicologia, Lexicografia, entre outras áreas do saber, à medida que contribuem para explicitar o fator linguístico. Conforme Dick (1997, p. 12), a Toponímia

[...] é a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso, procurando relacionar um nome ao outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos.

Contudo, não obstante a interdisciplinaridade da Toponímia, Trapero (1995, p. 22) esclarece que “[...] los problemas verdaderamente lingüísticos de la toponímia hay que buscarlos en el comportamiento de sus componentes”². Nesse sentido e de acordo com Isquerdo (2008, p. 36-37), o topônimo pode ser estudado pelo viés linguístico, quando são abordados os aspectos da classificação taxionômica, da etimologia, da estrutura do sintagma toponímico e da língua de origem e, pelo viés extralinguístico, quando são considerados, na análise, fatores do ambiente sociocultural.

Trapero (1995, p. 22) pontua ainda que o topônimo é “[...] siempre testimonio inequívoco de los estratos históricos y culturales de un territorio”³. Nesse contexto, o signo de língua na condição de topônimo está mais protegido da dinamicidade da língua que se opera no léxico comum. Não se verificam na toponímia rural, processos de alterações do nome de um rio, de uma serra ou de um morro com frequência.

¹ “Um topônimo é uma forma lexical que possui uma função de localização semântica: identificar um ponto específico no solo. A precisão da denominação dos traços geográficos depende das duas grandezas que entram em jogo: por um lado, a geografia e, por outro, a linguagem” (TRAPERO, 1995, p. 47). Tradução nossa.

² “Os problemas verdadeiramente lingüísticos da toponímia devem ser buscados no comportamento de seus componentes” (TRAPERO, 1995, p. 22). Tradução nossa.

³ - “[...] testimonio sempre inequívoco dos estratos históricos e culturais de um território” (TRAPERO, 1995, p. 22). Tradução nossa.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

A função marcadamente referencial do topônimo aponta para traços de motivação que originaram o signo toponímico, afastando-o, assim, das regras gerais da língua, no que tange à imanência, em busca de uma abordagem mais adequada na ciência Onomástica. Em se tratando da Toponímia, conforme esclarece Dick (1990, p. 34):

[...], ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

Nesse sentido, o signo toponímico não é passível de classificação como totalmente arbitrário, mas sim duplamente motivado à medida que, como pertencente ao léxico comum do grupo e pelas motivações que lhe são atribuídas na nova função onomástica tem uma face motivada. Acresce ainda que o nome próprio de lugar fica de tal forma imantado ao acidente geográfico que se afigura como pertencente a um domínio fora da língua.

2.1 A questão do sintagma toponímico: estrutura

O sintagma toponímico, conforme Dick (1990, p. 10), resulta da soma do elemento genérico (nome do acidente geográfico) e do elemento específico (topônimo) que particulariza e identifica o espaço, como ilustra o exemplo apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1: Estrutura do sintagma toponímico (DICK, 1992).

Elemento genérico	Elemento Específico
Córrego	Quebó-Guaçu

Fonte: Elaborado pelas autoras

De acordo com a toponimista brasileira, considerando a “repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de consequências – a física e a antropocultural – pode-se acatar a mesma duplicidade de visão para o enquadramento dos topônimos” (DICK, 1990, p. 26). Nesse sentido, considerando a recorrência de motivações subjacentes nos designativos de



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

lugar, Dick (1990)⁴ sistematizou um modelo taxionômico composto por 19 taxes, tomando por base a realidade da toponímia brasileira. Em estudos posteriores (1992) a autora reformula o seu modelo teórico que passou a englobar 27 taxes, 11 de Natureza Física⁵ que se reportam a aspectos do mundo natural – hidrografia, fauna, flora, relevo, localização etc. – e 16 de Natureza Antropocultural⁶ que descortinam aspectos sociais, históricos e culturais, como estado emocional, sentimentos, nomes de pessoas, lugares, títulos etc. “Assim, por exemplo, nomes cuja origem revela uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitotopônimos e litotopônimos, respectivamente” (DICK, 1992, p. 26). Os antropotopônimos, por seu turno, integram as Taxionomias de Natureza Antropocultural que abrigam nomes de pessoas (antropônimos) que nomeiam rios, montanhas, cidades, praças, ruas etc. como ocorre com Cáceres (Mato Grosso); João Pessoa (Paraíba); Rio Arinos (Nobres/MT); Rua Getúlio Vargas (Cuiabá/MT).

2.1. Hidrografia e toponímia

É imperioso que a humanidade gravite em torno dos cursos d’água como os rios, oceanos, mares, córregos, corixos, igarapés, lagos, lagoas, entre outros, em decorrência da importância da água para a manutenção da vida, além de as vias marítimas e fluviais constituírem os mais antigos caminhos pelos quais a humanidade se locomove.

Foi pelos caminhos dos rios, mares e oceanos que a colonização da nação brasileira e de seus territórios foi implementada. Os cursos d’água, funcionando como caminhos de acessos a outras localidades, permitiram o transporte de mercadorias, animais, contingentes populacionais, dando surgimento a inúmeros povoados. Nessa conjuntura, Dick (1997, p. 36) esclarece que “os nomes dos rios, assim como os aplicados aos acidentes orográficos,

⁴ *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* (1980) publicada em 1990 com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Para este estudo foi consultada a versão publicada em 1990. A versão original da Tese está disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/>. Acesso em: 20 dez.2022.

⁵ Astrotopônimos, Cardinotopônimos, Cromotopônimos, Dimensiotopônimos; Fitotopônimos; Geomorfotopônimos; Hidrotopônimos; Litotopônimos; Meteorotopônimos; Morfotopônimos; Zootopônimos.

⁶ Animotopônimos (ou Nootopônimos), Antropotopônimos, Axiotopônimos, Corotopônimos, Cronotopônimos, Ecotopônimos, Ergotopônimos, Etnotopônimos, Dirrematotopônimos, Hierotopônimos: (Hagiotopônimos, Mitotopônimos), Historiotopônimos, Hodotopônimos, Numerotopônimos, Poliotopônimos, Sociotopônimos, Somatotopônimos



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

costumam ser, universalmente, os mais antigos registros que a língua e a toponímia empregam”. Diante do exposto, o nome de rio e da hidrografia em geral, constituem fontes generosas de descobertas a respeito dos habitantes de uma região, de particularidades do seu léxico, dos estratos linguísticos conservados no topônimo, como também, informações sócio-histórico-culturais de povos inclusive desaparecidos. A respeito da conservação dos topônimos que nomeiam rios, Dick (1996, p. 36) atesta o seguinte:

Avessos a mudanças, quase sempre não costuma haver, em relação a eles, tentativas alteradoras. Arraigam-se ao terreno porque, costumeiramente, refletem circunstâncias típicas, ou do próprio acidente, em sua natureza intrínseca, ou dos locais que percorrem, incorporando ao seu nome os elementos regionais característicos.

Conforme a toponimista, o nome de rio (o topônimo) apresenta traços de uma gênese espontânea, refletindo aspectos do próprio acidente ao qual nomeia ou do ambiente físico e social onde se localiza. Como acidente geográfico necessário e corriqueiro, existindo em abundância, no Brasil, por exemplo, o designativo de rios fica resguardado pela posição discreta que ocupa, na dinâmica geral de interesses sociais. Outro fator importante que podemos considerar na perpetuação dessa categoria de topônimo no decurso do tempo está relacionado ao fato de os cursos d’água que resistem aos processos intensos de contingentes populacionais serem os grandes rios e grandes cachoeiras cujos nomes estão perfeitamente consolidados em amplos horizontes geográficos e não entram na dinâmica da toponímia urbana. Outro ponto levantado por Dick (1997, p. 36) é a incorporação dos elementos regionais nos espaços por onde percorrem os rios.

Em estudo sobre a hidronímia e a hidrotponímia das regiões do Bolsão Sul-mato-grossense (MS) e do Triângulo Mineiro (MG), que têm como limite o rio Paranaíba, Isquerdo e Seabra (2010, p. 89) demonstraram “como os cursos d’água que individualizam as regiões em estudo funcionam como motivos para surgimento de toponomásticos”. O estudo contabilizou 364 hidrotponônimos na região do Bolsão Sul-mato-grossense e 865 na região do Triângulo Mineiro. Ficou evidenciando ainda “como os nomes de acidentes geográficos, no caso a *hidronímia* (rios, córregos, ribeirões) pelo processo de toponimização, transformam-se em topônimos” (2010, p. 89). De mesmo modo, de acordo com Dargel e Isquerdo (2014, p.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

64), “há a tendência de o nome do rio inspirar o nome da cidade e não raras vezes instaurar-se nesses contextos um amálgama entre rio e cidade, em termos toponímicos”. Relativamente aos dados levantados sobre a toponímia das correntes hídricas do município de Nobres/MT, para este estudo, a presença do rio *Quebó*⁷, por exemplo, instaurou uma série de modificadores no próprio topônimo, à medida que percorre toda a região, originando outros topônimos ou apenas integrando os elementos específicos do sintagma toponímico como nos exemplos rio *Quebó Grande*; *Cabeceira do Quebó*; ribeirão *Quebozinho*; ribeirão *Quebó-Guaçu*; córrego *Quebó Segundo*; córrego *Quebó* e gruta *Duto do Quebó* (IBGE, 2010). Denominou, igualmente, a serra do *Quebó*, acidentes humanos alocados em seu percurso como fazenda *São José do Quebó*, fazenda *Quebó Grande*, fazenda *Quebó* (IBGE, 2017). Além de influenciar denominativos de atividades econômicas da região como a agência de turismo *São José do Quebó*, o que enriquece a toponímia do município.

O termo *hidrografia* é definida como “ramo da geografia física que trata das águas correntes, paradas, oceânicas e subterrâneas” (HOUAISS, 2009). Nesse âmbito, situam-se os termos *hidronímia*, termo consagrado na esfera da Onomástica, que se refere ao conjunto de “nomes dos acidentes hidrográficos em geral, não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não humano, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos” (DICK, 2004, p. 126-127) e *hidrônimo*, que se trata de “nome próprio de cursos de água, oceanos etc.” (FERREIRA, 2004). *Hidrotopônimo*, por sua vez, no domínio dos estudos em Toponímia, vinculada à Linguística, é a taxa que reúne “os acidentes geográficos em que, na denominação toponímica, o elemento hidronímico está presente, seja o elemento genérico água ou as designações de cursos d’água específicos como córrego, rio, ribeirão etc.” (DICK, 2004, p. 127), como nos exemplos *Rio Branco* (MT), *Água Boa* (MT), *Córrego Novo* (MG), entre outros.

Os hidrotopônimos identificados, neste estudo, refletem um processo denominado *toponimização* que se perfaz, de acordo com Isquerdo, (2012, p. 134-135), em um fenômeno recorrente na toponímia exemplificado em termos que, além de designarem o acidente como

⁷ Que - Morcego; bó- água, rio. Quebó = Água de Morcego, (DRUMOND, 1965, p. 65); (CALDAS, 1899, p. 36).



Web-Revista SOCIODIALETO

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

ocorre em *corixo*⁸, exercem a função toponímica, ocupando o lugar do elemento específico do sintagma toponímico como nos exemplos de córrego *do Corixo*; corixo *Corixão*; vazante *do Corixo do Pacu*, entre outros topônimos sul-mato-grossenses analisados pela pesquisadora.

De acordo com Dick (1992, p. 64) “as paisagens toponímicas da terra, de um modo geral, refletem um número considerável de termos emprestados à Geografia, tanto do ponto de vista físico quanto humano”. Nesse sentido, relativamente ao léxico toponímico, especialmente os nomes de cursos d’água, os elementos genéricos são “enriquecidos semanticamente, tornando a terminologia específica um instrumental valioso para as pesquisas científicas e traduzindo, muitas vezes, a realidade conhecida e experimentada pelo homem” (DICK, 1992, p. 64). A esse respeito, no item 4 deste trabalho, destinado à análise dos dados, é evidenciado o processo de toponimização dos nomes comuns *água*, *barra*, *cabeceira*, dentre outros, elevados ao estatuto de nome próprio, evidenciando, de certo modo, a importância da água para os habitantes da região de Nobres/MT.

3. Nobres/MT – Considerações geográficas e históricas

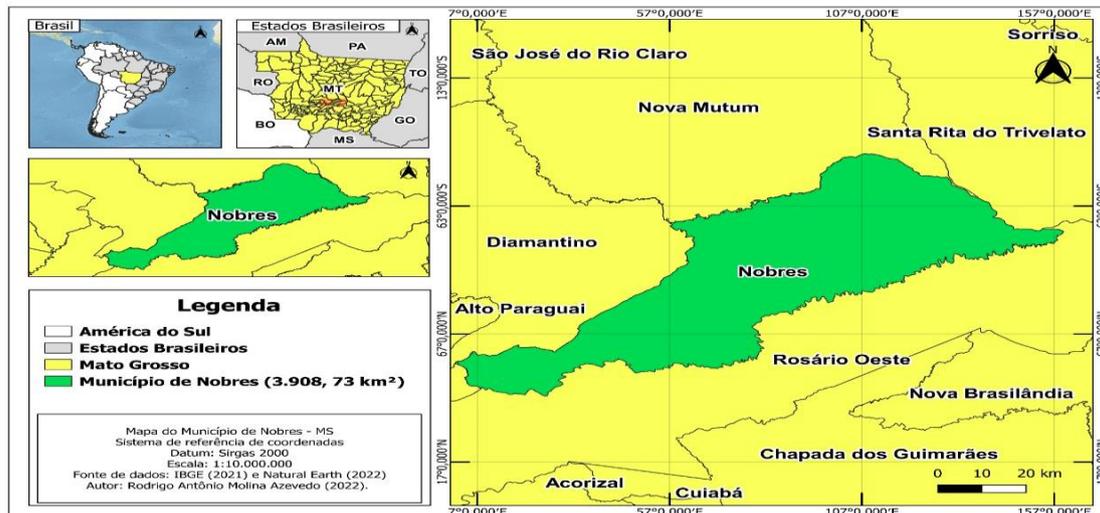
Nobres é um dos 141 municípios do estado de Mato Grosso, integrando a Região Geográfica Intermediária de Cuiabá e da Região Imediata de mesmo nome, Porção Centro-Oeste do Brasil (IBGE, 2017) (figura 1).

⁸ Canal que liga as águas de lagoas, alagados etc. com os rios próximos; corixe, corixo (HOUAISS, 2009).



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Figura 1. Localização do município de Nobres – Mato Grosso (IBGE, 2022).



Fonte: Elaborado pelas autoras (IBGE, 2022).

A região onde se localiza o município de *Nobres* foi rota de passagem dos exploradores de minérios (garimpeiros), entre os municípios de *Cuiabá*, *Rosário Oeste* e *Diamantino*. Nessa conjuntura, não obstante a região ser elevada à categoria de município no ano de 1963, a movimentação de pessoas de outras regiões do estado e de outras unidades da Federação, nessa porção do Mato Grosso, remonta à segunda metade do século XVIII. A fundação do município está ligada à existência de três sesmarias: *Bananal*, *Francisco Nobre* e *Pontezinha*, pertencentes aos municípios de *Chapada dos Guimarães* e *Rosário Oeste*. Na localidade, onde, atualmente, é a sede do governo municipal, formou-se um povoado denominado *Seis Marias*⁹ (IBGE, 2017). Nos anos seguintes, o nome do vilarejo foi alterado para *Bananal*, motivado pela existência de extensas plantações de bananal em toda a região. O topônimo *Nobres* configura-se como uma homenagem a Francisco Nobre e seus familiares (IBGE, 2017).

Este trabalho¹⁰ analisa os nomes dos 135 acidentes hidrográficos do município de *Nobres/MT*, considerando a questão da taxionomia, a língua de origem e a estrutura morfológica, tomando como parâmetro as contribuições teóricas de Dick (1990; 1992). A motivação para o estudo veio da constatação da existência de uma densa rede de correntes

⁹ Observa-se que a formação desse topônimo se deu pela ditongação da primeira sílaba da unidade lexical sesmaria.

¹⁰ Os dados analisados neste trabalho integram a pesquisa de Tese em andamento.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

hídricas nesse município (rios, córregos, ribeirões, cachoeiras, cabeceiras, entre outros). O *corpus* de estudo foi obtido por meio de consulta aos mapas/cartas oficiais (IBGE, 2010) na escala 1: 100. 000. A elucidação dos topônimos se deu por meio de consultas a dicionários gerais de língua portuguesa como Ferreira (2004), Houaiss (2009) e dicionários de língua indígena Caldas (1899), Cunha (1982), Sampaio (1987) e Drumond (1965), conforme se observa no quadro 2.

4. Apresentação e análise dos dados

De maneira geral, o topônimo é sempre revestido de feição motivadora em sua origem, mesmo que, no decurso do tempo, venha se tornar totalmente arbitrário e não transpareça, assim, a identificação dos elementos semânticos levados em conta pelo denominador no momento da nomeação. Entretanto, pelo aporte teórico-metodológico dos estudos em Toponímia, tenta-se evitar a opacidade dos topônimos ao analisar a multiplicidade de fatores linguísticos, históricos, ambientais, socioculturais, étnicos e ideológicos corporificados no topônimo e evidenciada na natureza da taxionomia na qual se enquadra o topônimo, se de natureza Física ou Antropocultural.

Como já anteriormente pontuado, a hidrografia do município de Nobres/MT reúne os seguintes elementos genéricos *córrego*, *ribeirões*, *rios*, *cachoeiras*, *cabeceiras*, *lagoas* e *lagos*, cujos montantes de registros estão detalhados na tabela a seguir.

Tabela 1. Produtividade de correntes hídricas no município de Nobres/MT (IBGE, 2017)

Acidente geográfico	Números absolutos	Número percentuais
Córregos	109	80,74%
Ribeirões	11	8%
Rios	7	5%
Cachoeiras	2	1,48%



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Cabeceiras	2	1,48%
Lagoas	2	1,48%
Lagos	2	1,48%
Total	135	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Nesta etapa do estudo, foi efetivada a classificação dos 135 topônimos que nomeiam as correntes hídricas de Nobres/MT com base no modelo de taxionomias de Dick (1992), como o descrito no quadro 2.

Quadro 2. Categorias taxionômicas na toponímia da hidrografia do município de Nobres/MT (DICK, 1992)

Taxionomias de Natureza Física		
Taxes	Elementos geográficos	Topônimos
Cardinotopônimo	Córrego	Divisa, da.
Cromotopônimo	Córrego	Azul; Castanho.
	Lagoa	Azul.
Dimensiotopônimo	Córrego	Baixo; Larga, da; Estreito; Grande.
	Ribeirão	Grande; Pequeno.
Geomorfotopônimo	Córrego	Chapada Alta; Furna, da; Facão ¹¹ ; Campo Vaquejador, do.
	Ribeirão	Pantanalzinho.
	Cachoeira	Serra Azul, da; Tombador, do.
Hidrotopônimo	Córrego	Quebó ¹² ; Quebó Segundo; Água Doce; Barra da Santa Rosa; Aguaçu; Barrinha, da; Cachoeira, da; Águas Claras; Cabeceira do Bode, Salobro, Salobrinho.
	Ribeirão	Quebozinho; Quebó-Guaçu, Salobro. .
	Rio	Quebó Grande; Quebó.
	Cabeceira	Quebó, do.

¹¹ Facão: “ na estrada, faixa de terra elevada e longitudinal entre sulcos abertos por rodas, dificultando a passagem de veículos (Regionalismo: Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso). O mesmo dicionarista registra a unidade léxica também no sentido de “peixe teleósteo, caraciforme, da fam. dos caracídeos (Hydrocynus cuvieri), que ocorre em rios amazônicos e, localmente, em outras regiões; com até 60 cm de comprimento, dorso amarelo-oliva, flancos esbranquiçados e uma suave faixa longitudinal abaixo da linha lateral”. Para fins deste estudo, classificamos o topônimo como geomorfotopônimo.

¹² - *Quebó* - Que - Morcego; bó- água, rio. Quebó = Água de Morcego, (DRUMOND, 1965, p. 65); (CALDAS, 1899, p. 36). Embora na formação do lexema, a marca do animal (morcego) figure primeiro, de acordo com informações obtidas por meio de fontes orais, a palavra significa *Água de Morcego*, concepção aqui considerada, levando em conta a marca do elemento *água* em primeiro plano.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Fitotopônimo	Córrego	Coqueiral; Cedrau ¹³ ; Jaraguá; Mato Novo; Mangavazinho ¹⁴ ; Raizama; Tucum; Guanandi ¹⁵ ; Capão do Meio; Figueira; Cambaiuval ¹⁶ ; Limoeiro; Taquaral; Taquaralzinho; Capão Azul; Buritizal; Acorizal ¹⁷ ; Buritizinho.
Litotopônimo	Córrego	Pedras, das; Laje, da; Areia, da; Barreiro; Brejo Grande.
Zootopônimo	Córrego	Mutum; Cascavel; Caititu; Piraputanga; Onça, da; Carrapatinho; Cascudo, do; Égua, da; Porcas, das; Onças, das; Veadinho; Borá ¹⁸ ; Cuiabazinho; Macaco, do; Macaquinho, do; Sucuri; Traíras, das; Pai-do-mel ¹⁹ .
	Ribeirão	Porcas, das.
	Rio	Cuiabá ²⁰ .
	Cabeceira	Pombas, das.
	Lagoa	Araras, das.
Taxionomias de Natureza Antropocultural		
Antropotopônimo	Córrego	João Pinto; Tomás, do; Santana; Cafodengo ²¹ ; Nego ²² , do; Sérgio, do; Arinos.
	Ribeirão	Nobres.
Cronotopônimo	Córrego	Novo.
	Rio	Novo.
Dirrematotopônimo	Córrego	Quebra-Panela.
Ecotopônimo	Córrego	Tapera, da; Morada; Maloca, da.

¹³ - *Cedrau* foi considerada uma variação da palavra *cedro*, “design. comum às árvores do gên. *Cedrus*, da fam. das pináceas, nativas de regiões montanhosas do Norte da África à Ásia, cultivadas como ornamentais e pelas madeiras de qualidade” (HOUAISS, 2009).

¹⁴ - Em Mato Grosso, *mangava* nomeia a fruta *mangaba* “fruto da mangabeira”, segundo Houaiss (2009). *Mangavazinho*, por sua vez, é forma diminutiva de *mangava*.

¹⁵ - *Guanandi* é o nome de espécie de “árvore de até 35 m (*Calophyllum brasiliense*), da fam. das gutíferas, nativa das Guianas e Brasil (AMAZ a GO, MG)” (HOUAISS, 2009).

¹⁶ - *Cambaiuval* denomina a plantação de *cambaiuva*, forma regionalizada de *Cambaúva*, em tupi-guarani um tipo de bambu, mole, tenro, perto de lagoa. www.dicionarioinformal.com.br/camba. Acesso em 03/11/2022.

¹⁷ *Acorizal* vem de *acori*, designativo de um tipo de coqueiro. <http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico>. Acesso em 03/11/2022.

¹⁸ - *Borá* é o nome comum da abelha *Tetragona quadrangular*, do gênero *Tetragona*. <https://www.cpt.com.br/cursos-criacaodeabelhas/artigos/abelhas-sem-ferraio-bora-tetragona-clavipes>. Acesso em 26/11/2022.

¹⁹ *Pai-do-mel* ou *Pai-do Mé*, conforme fontes orais consultadas nomeiam uma espécie de abelhas pouco agressivas.

²⁰ - Segundo a etimologia do topônimo *Cuiabá* – *Cuyabá* – *Cuyavá* – *Cuyaverá*– *Kyyaverá*, *Cuiabá* significa *Lontra brilhante*, conforme carta do jesuíta Agostinho Castañares, transcrita por Jaime Cortesão na obra Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, analisada pelo professor paraguaio de gramática guarani, Brasilides Brites Fariña (SILVA, 2021).

²¹ - *Cafodengo*; palavra não dicionarizada, contudo, de acordo com fontes orais, constitui-se uma alcunha que nomeia o masculino de meretriz.

²² - *Nego* foi considerado variação de *negro*.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Ergotopônimo	Córrego	Cerquinha, da; Pontinha; Açúcar, do; Almoço, do; Serragem, da; Estivado; Planchão, do; Planchãozinho; Litro, do; Descaroador; Mutá ²³ , do; Chapéu, do; Alavanca, da; Pilão; Portinha; Monjolinho; Pilãozinho; Guarânea ²⁴ .
	Ribeirão	Pilões, dos.
	Rio	Serragem.
	Lago	Aquário Água Encantada.
Etnotopônimo	Córrego	Bugre, do.
Hagiotopônimos	Córrego	São José; Santa Maria; Santa Rita.
Hodotopônimo	Ribeirão	Vaquejador ²⁵ .
Nootopônimo Eufórico ²⁶	Córrego	Formosa, da.
	Ribeirão	Formoso, do.
	Lago	Encantado.
Nootopônimo Disfórico	Córrego	Traidor.
	Rio	Triste; Berro.
Numerotopônimo	Córrego	Três Córregos.
Sociotopônimo	Córrego	Potreirozinho; Fervedor ²⁷ ; Curralzinho; Quilombo; Potreiro; Retiro São Marcos; Retiro, do;
Somatotopônimo	Córrego	Olho d'Água.
Não identificada	Córrego	Funal ²⁸ .

Fonte: Elaborado pelas autoras conforme a teoria de Dick (90/92)

Embora os nomes dos acidentes hidrográficos apresentados no quadro 2 evidenciem motivação variada, nota-se uma concentração expressiva de topônimos motivados por elementos do ambiente físico especialmente os de índole animal (zootopônimos), vegetal (fitotopônimos) e hidrográfico (hidrotopônimos), não obstante a taxa que se reporta a

²³ - *Mutá*: “espécie de palanque ou assento construído no mato pelo caçador, para dali espreitar a caça” (HOUAISS, 2009).

²⁴ - *Guarânea*: “balada de andamento lento, quase sempre em tom menor, característica da música paraguaia” (HOUAISS, 2009).

²⁵ - *Vaquejador*: “trilha, picada, caminho aberto nos matos ou nas caatingas, por onde os vaqueiros conduzem o gado do pasto para o curral, ou de uma fazenda para outra” (HOUAISS, 2009).

²⁶ - Considerando traços semânticos distintos observados no sentido do item lexical elevado à categoria de topônimo, Isquerdo (1996) propôs uma subdivisão da taxionomia dos animotopônimos/nootopônimos em *eufóricos*, nos casos de a unidade léxica evidenciar traços positivos, como impressão agradável, otimista: *Trinfo* (AC); *Nova Vida* (AC), e em *disfóricos*, quando o sentido do topônimo no léxico da língua sinalizar para uma impressão desagradável, pessimista: *Seringal Solidão* (AC), *Cova da Onça* (AC).

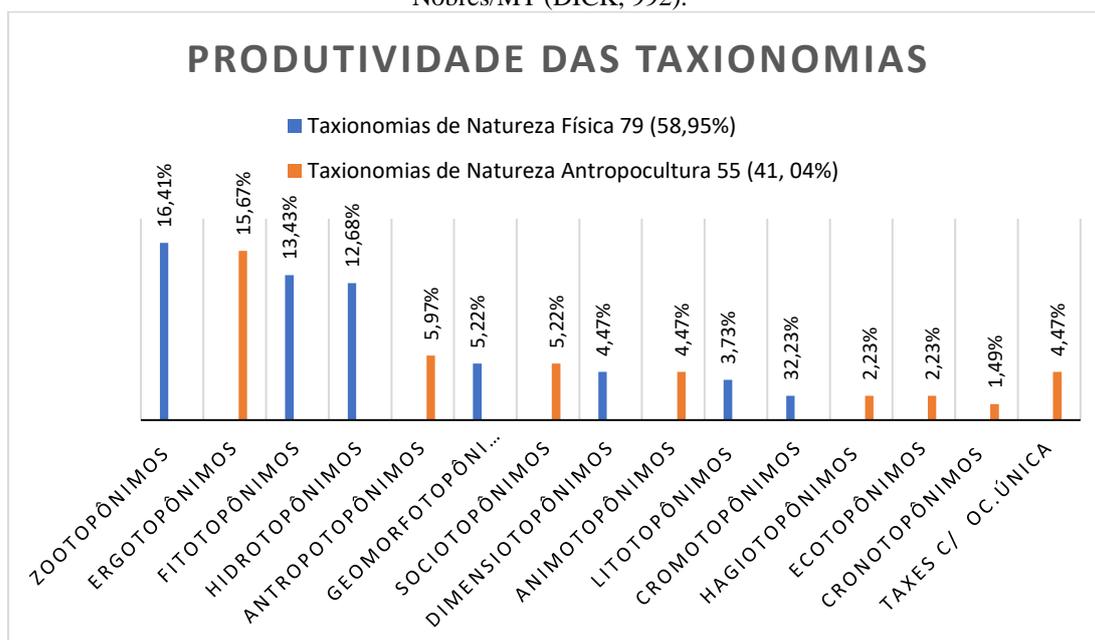
²⁷ - Unidade lexical não dicionarizada. Houaiss (2009) registra *fervedouro/fervedeiro* na acepção de “movimento similar ao da ebulição de um líquido; efervescência”.

²⁸ - Em virtude de não terem sido identificadas informações linguísticas que sedimentassem a classificação do topônimo em termos taxionômicos, o topônimo *Funal*, por ora, não foi classificado segundo o modelo taxionômico adotado (DICK, 1992).

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

elementos da cultural material (ergotopônimos) tenha se configurado como uma das mais produtivas, conforme atestam os dados do gráfico que segue.

Gráfico 1. Produtividade das taxionomias toponímicas na nomeação de correntes hídricas do município de Nobres/MT (DICK, 992).²⁹



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os 79 topônimos de natureza física identificados no *corpus* aqui estudado estão distribuídos em oito taxes, enquanto os 55 topônimos de cunho antropocultural distribuem-se em 13 categorias; houve um caso de não classificação. Os zootopônimos e os ergotopônimos configuraram-se como as taxes mais produtivas no âmbito do *corpus* pesquisado, os primeiros com 22 ocorrências (16,41%) e os segundos com 21 ocorrências (15,67%). Em se tratando dos zootopônimos, foi identificada a presença das seguintes espécies de animais como fontes motivadoras dos topônimos: i) aves: *Mutum*, *Pombas*, *Araras*; ii) peixes: *Traíra*, *Piraputanga*, *Cascudo*; iii) mamíferos: *Caititu*; *Onça, da*; *Onças, das*; *Égua, da*; *Porcas, das*; *Veadinho*;

²⁹ - Na coluna de nome *taxes com ocorrências únicas* do gráfico 1, registram-se uma taxe de Natureza Física: *Divisa, da* (cardinotopônimo) e cinco taxes de Natureza Antropocultural: *Qubra-panela* (dirrematotopônimo); *Olho d'Água* (Somatotopônimo); *Vaquejador* (hodotopônimo); *Bugre, do* (Etnotopônimo); *Três Córregos* (numerotopônimo).



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Macaco, do; Macaquinho, do; Cuiabá; Cuiabazinho; iii) répteis: Cascavel, Sucuri; iv) parasita: Carrapatinho; e v) inseto: Borá e Pai-do-mel. Há duas ocorrências do topônimo das Porcas (mamífero) na nomeação dos elementos genéricos córrego e ribeirão.

De acordo Dick (1990, p. 256), os Bororo³⁰ do Brasil Central costumam ser identificados por etnologistas e antropólogos como uma típica sociedade de caçadores. A esse respeito, Drumond (1965, 16) já havia assinalado, em sua obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, a presença marcante do animal para a nação indígena Bororo, ao analisar os nomes atribuídos por essa etnia a morros, rios, ancoradouros etc., evidenciando, de certo modo, ser a caça a atividade fundamental dessa sociedade indígena, o que se reflete na expressiva ocorrência de topônimos de índole animal na região em estudo. A mesma realidade se confirma nos designativos das correntes hídricas de Nobres/MT que apontam marcas da riqueza da fauna local, bem como a relação de interdependência entre o homem e os animais. Conforme Dick (1992, p. 256), Lévi-Strauss (1967) salientara ter sido essa habilidade despertada pela vizinhança do pântano, rico em caça, ao longo do curso médio do rio Paraguai. Todavia, não parece ser essa a tendência peculiar em outras regiões do país, considerando o cenário mais abrangente da toponímia. De acordo com Dick (1990, p. 255), a presença dos animais motivando o surgimento de topônimos é menos recorrente em relação a outras regiões do Brasil.

Em se tratando dos fitotopônimos, a segunda taxa mais produtiva nos dados aqui analisados com 18 registros (13,33%), na nomeação de *córregos* e *rios* foram computados os seguintes designativos: *Coqueiral, Cedrau, Raizama, Tucum, Guanandi, Capão do Meio, Figueira, Cambaiuval, Limoeiro, Taquaral, Taquaralzinho, Capão Azul, Acorizal, Buritizal, Buritizinho, Jaraguá, Mato Novo e Mangavazinho*. Os designativos fitotoponímicos deixam transparecer o interesse do homem pelos elementos da flora utilizada na alimentação, em moradias, em chás medicinais, entre outras, que se configuram como elementos indispensáveis à vida dessa população.

³⁰ A etnia Bororo pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e teve o seu território localizado na porção sul do atual estado de Mato Grosso (HIGA; MORENO, 2017, p. 104).



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

No conjunto dos hidrotopônimos verifica-se a presença de casos de toponimização³¹ dos elementos geográficos como ocorre nos seguintes casos: *Aguaçu*, *Barra da Santa Rosa*, *Barrinha*, *Quebó-Segundo*, *Quebó*, *Água Doce*, *Águas Claras*, *Quebozinho*, *Quebó-Guaçu*, *Cabeceira do Bode*, entre outros. Nesses casos, o termo genérico passou a designar o acidente, ocupando a função de nome próprio. Trata-se de fenômeno que aponta para estreita relação entre hidrografia e hidronímia no universo de topônimos analisados.

Ainda em relação às taxas de natureza física, no *corpus* em exame situam-se os geomorfotopônimos *Chapada Alta*; *Furna*; *Campo Vaquejador*; *Facão*; *Tombador, do*; *Pantanalzinho* e *Serra Azul*, topônimos que evidenciam a valorização de elementos de características topográficas da região na nomeação de rios, córregos do município tomado como área de investigação. Outra taxa de natureza física identificada nos dados toponímicos analisados foi a dos dimensiotopônimos, representada por topônimos como *Baixo*, *Larga*; *Estrito e Grande* na nomeação de córregos e de *Grande* e *Pequeno* como nomes de ribeirões. Trata-se de topônimos que funcionam como um descritivo das dimensões do acidente hídrico nomeado.

Em relação aos topônimos de índole mineral, os litotopônimos, nomes geográficos que refletem a natureza do solo em sua manifestação mórfica, Dick (1992, p. 124) assevera que estão ligados a dois aspectos: “um de índole genérica, física, ambiental, específicos às regiões da terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos significativos da história de um povo”. Nesse sentido, os litotopônimos *Pedras*; *Laje*; *Areia*; *Barreiro* e *Brejo Grande* estão relacionados ao primeiro aspecto apontado pela autora.

³¹ A toponimização, como já assinalado anteriormente, é a presença da unidade léxica genérica *água* ou as designações de cursos d'água como *cabeceira*, *barra*, *cachoeira*, entre outros, ocupando a primeira posição do elemento específico do sintagma toponímico, isto é, elevados à condição de nomes próprios do acidente geográfico. De acordo com Dick (1992, p. 64) “o recorte de um ‘morro’, os contornos de uma ‘serra’, o ‘monte’ singular em sua morfologia, o volume das águas de um ‘rio’, o seu ‘curso acidentado’, entremeado de ‘corredeiras’ e ‘pequenos saltos’ ou, ao contrário, a ‘suavidade’ de seu declive, tudo pode ser causa de motivações toponímicas”. Assim os nomes dos elementos geográficos vão incorporando a função de topônimos, facultando o surgimento dos chamados ‘vocábulos toponímicos básicos’. Enquanto Backheuser (1952, p. 168), assevera que, em decorrência do acidente físico (rio, ilha, morro, montanha etc.) ser único na localidade, é o que concorre para que não haja a necessidade de maiores discriminações em sua identificação, tonando, ele mesmo, o topônimo.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Por fim, em se tratando de taxas de natureza física, foram também identificadas duas ocorrências de cromotopônimos: *Azul* e *Castanho*, o primeiro nomeando uma lagoa e o segundo um córrego. Há ainda uma ocorrência única de cardinotopônimo: *Divisa, da*.

Em se tratando das taxionomias da Natureza Antropocultural, os ergotopônimos deixam transparecer um ambiente essencialmente rural nos topônimos *Cerquinha, da*; *Planchão, do*; *Planchãozinho*; *Chapéu, do*; *Alavanca, da*; *Pilão*; *Mutá, do*; *Monjolinho*; *Pilãozinho* e *Estivado*. Outros, entretanto, revelam um ambiente social voltada ao turismo: *Aquário Água Encantada*; de um aspecto inóspito e violento do rio no topônimo *Descaroçador*; de qualidade da água: *Açúcar, do*.

Na mesma conjuntura, os nomes dos acidentes hídricos inclusos na taxa dos sociotopônimos: *Potreirinho*, *Fervedor*, *Curralzinho*, *Quilombo*, *Potreiro*, *Retiro São Marcos, do Tombador* e *do Retiro* transparecem um conjunto de atividades em ambientes de baixa densidade populacional, enquanto a taxa dos ecotopônimos: *Tapera, da*; *Maloca, da* refletem a presença de habitações de comunidades indígenas na região.

No conjunto dos antropotopônimos *Tomás, do*; *Nego, do*; *Sérgio, do* revelam um vínculo de propriedade e de proximidade do acidente com a fonte motivadora do surgimento do topônimo fortalecido, não somente pela preposição indicativa de posse *do*, bem como pelo registro toponímico englobar apenas o nome e/ou alcunha, sem vinculação ao sobrenome. Enquanto *Nobres* e *Santana* são topônimos em homenagem ao fundador da cidade e às terras indígenas que abrigam a nação indígena do município. Outra taxa identificada nos dados, a dos hagiotopônimos, manifestada nos topônimos *Santa Rita*, *Santa Maria* e *São José* expressando a fé religiosa vinculada ao catolicismo transmitida pelos iberos em terras brasileiras.

Na categoria dos animotopônimos equilibram-se os que traduzem aspectos positivos dos sentimentos suscitados pelos designativos, nos eufóricos: *Formosa, da*; *Formoso, do*; *Encantado* e nos disfóricos: *Traidor*, *Triste* e *Berro*. Registramos, por último, a ocorrência única de numerotopônimo: *Três Córregos*; Etnotopônimo: *Bugre, do*; somatotopônimo: *Olho d'Água*; Dirrematotopônimo: *Quebra-Panela* e hodotopônimo: *Vaquejador*.



Web Revista SOCIODIALETO

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

4.2. Classificação dos topônimos quanto à língua de origem

Quanto à base linguística, os 134 topônimos estão assim distribuídos: 31 (23,13%) nomes de acidentes hídricos do município de Nobres/MT são de origem indígena e quatro (2,96%) constituem-se em nomes híbridos com um formante de base indígena. Os demais 99 (73,88%) topônimos são oriundos da língua vernácula.

4.3. Classificação dos topônimos quanto à estrutura morfológica

Em se tratando da classificação morfológica, 110 (82%) topônimos apresentam estrutura morfológica simples e 24 (18%) composta. Os substantivos com ou sem preposição indicativa de posse são os mais numerosos na formação dos designativos (*Onça, da; Carrapatinho, do; Cascudo, do; Égua, da; Sucuri* etc.); na sequência, os adjetivos são os de maior frequência (*Encantado, Traidor, Triste, Grande* etc.).

Enquanto os 24 (18%) topônimos de base morfológica composta refletem até duas características do ambiente (*Água Doce; Águas Claras; Três Córregos; Campo Vaquejador, do; Cabeceira do Bode* etc.). O topônimo *Lago Aquário Água Encantada* configura-se como o único de todo o *corpus* que contempla mais de duas características do ambiente.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar os 135 topônimos que nomeiam os acidentes hídricos do município de Nobres no estado de Mato Grosso (IBGE, 2017) quanto à taxionomia, à estrutura morfológica e à língua de origem (DICK, 1990; 1992). Os topônimos analisados são fortemente motivados por uma característica de índole animal (zootopônimos) e por elementos que traduzem o fazer material do homem na região selecionada para estudo (ergotopônimos), haja vista serem as taxes mais produtivas. Em relação aos zootopônimos, os animais motivadores dos nomes são essencialmente aqueles utilizados na alimentação (*Piraputanga, Traíra, das Porcas, Caititu* etc.), embora tenham sido registrados nomes como *Sucuri, Cascavel, Carrapatinho*. Em se tratando dos ergotopônimos, em sua maioria, deixam



Web Revista SOCIODIALETO
A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

transparecer um conjunto de atividades relacionadas ao ambiente rural com tendência a desuso na sociedade contemporânea (*Pilão, Monjolinho, Pilãozinho* etc.).

Em se tratando da base linguística, os topônimos de origem tupi, guarani e bororo relacionam-se essencialmente à fauna, à flora e à hidrografia (toponimização dos acidentes), classificados, portanto, em taxionomias de natureza física: zootopônimos: *Mutum; Caititu; Piraputanga; Traíras, das; Borá, Araras, das; e Sucuri*; fitotopônimos: *Cambaiuval, Tucum, Guanandi, Jaraguá, Taquaral, Taquaralzinho, Mangavazinho, Capão do meio, Capão Azul, Buritizinho, Buritizal* e, hidrotopônimos: *Aguaçu, Quebó Segundo, Quebó-Guaçu, Quebozinho, Quebó Grande, Cuiabá e Cuiabazinho*.

Registram-se, ainda, os topônimos de base indígena *Guarânea; Maloca; Mutá, do; Tapera, da* motivados por elementos antropoculturais. Com esse resultado, constata-se que a hidrografia do município de Nobres/MT é conservadora dos estratos linguísticos dos povos autóctones da região. A continuidade desta pesquisa poderá descortinar ou não outro panorama toponímico.

Referências

Acorizal – Centro Histórico. ipatrimonio.org/Acorizal. Disponível em: [//www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico](http://www.ipatrimonio.org/acorizal-centro-historico). Acesso em: 02/05/2022.

ANDRADE, K. S. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 585-607, 2017.

BACKHEUSER, Everardo; LAMEGO, Alberto Ribeiro; GABAGLIA, Raja. TOPONÍMIA: (Suas regras — Sua evolução). **Revista Geográfica**. T. 9/10, No. 25/30 pp. 163-195, 1949/1950.

BIDERMAN, M. T. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ T. A. (org.). **Estudos de filologia e linguística**. São Paulo: Edusp, 1981, p. 131-145.

CALDAS, J. A. **Vocabulário da língua indígena dos Bororos Coroados**. Equipe de Mato-Grosso. Cuyabá, 1899.

CAMABÚVA. **Dicionário Informal**. 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/camba%C3%BAva/>. Acesso em: 02. abr. 2022.

CUNHA, A. G. da C. **Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1982.



A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

DARGEL, A. P. T. P.; ISQUERDO, A. N. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014, p. 63-80.

DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 121-130.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. Arquivo do Estado: São Paulo, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554- 1897**. São Paulo: Annablume, 1997.

DRUMOND, C. **Contribuição do Bororo à toponímia brasílica**. São Paulo: Editora da USP, 1965.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Versão 5.0, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

HIGA, T. C. de S.; MORENO, G. **Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente**. 2 ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **História do município de Nobres** - Grosso, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/nobres/historico>. Acesso em: 26 abr.2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Mapa do município de Nobres** - Grosso, 2010. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa102392>. Acesso em: 26 abr.2022.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. de (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012, p. 115-139.

ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (OrgS.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, p. 79-98.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Araraquara/SP. 1996.

ISQUERDO, A. N. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **Prolíngua** – Volume 2 –Número 2 – p. 34-52 dez. 2008.



Web Revista SOCIODIALETO

A hidrografia de Nobres: interfaces entre léxico e ambiente na toponímia de Mato Grosso
Soeli Bento Clementi, Aparecida Negri Isquerdo

Disponível em: <https://docplayer.com.br/21480485-O-nome-do-municipio-um-estudo-etnolinguistico-e-socio-historico-na-toponimia-sul-mato-grossense.html>. Acesso em 10 de maio de 2022.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

SAPIR, E. Língua e Ambiente. In: _____. **A Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p. 43-62.

SILVA, P. P. C. e. **Erros e mitos na história de Mato Grosso**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2012.

TRAPERO, M. **Para uma teoria lingüística de la toponímia**: estudios de toponímia canaria. 2ª ed. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de las Palmas de Grand Canaria, 1995.